



DOSSIÊ

## “Esquemas” em pistas de terra batida:

Paredões de som, consumo e sociabilidades em localidades de pequeno porte

Marcos Andrade Alves dos SANTOS, *Universidade Estadual do Ceará*

Roberto MARQUES, *Universidade Regional do Cariri*

---

A partir de pesquisa etnográfica desenvolvida em uma localidade de pequeno porte no interior do Ceará, pensamos as noções de diferença, interseccionalidade, sociabilidades e espacialidades ali vivenciadas. As cenas etnográficas apresentadas centram-se em ambientes tais como instaurados pela música *funk*, que reverbera das caixas de som acopladas a automóveis nos finais de semana. Nesses cenários, arranjos erótico-sexuais não heterossexuais; circulação de corpos marginalizados e do ritmo usualmente associado a ambientes urbanos deslocam compreensões de identificação, pertença e liberdade. Música, drogas recreativas e arranjos eróticos criativos parecem guiar os jovens ali presentes na imaginação de novos lugares para si, distantes da imagética usual sobre comunidade, localidade e mundo rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paredões de som. (homo)sociabilidades. interseccionalidade. Cidades de pequeno porte.

---



## Introdução

Ao comentar as contribuições de Edward MacRae e Néstor Perlongher para o campo de reflexões sobre homossexualidades e o cenário político-social brasileiro, Facchini; França e Braz (2014) destacam que:

As acuradas narrativas etnográficas que dão conta das transformações envolvendo espaços de encontro e territorialidades, somadas à perspectiva dos autores no traçado de conexões e reflexões que extrapolam o contexto imediato de produção de seus trabalhos, ainda hoje têm algo a dizer para os pesquisadores que trabalham com temáticas correlatas (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014, p. 101).

O trabalho de Perlongher se tornou leitura obrigatória para aqueles que investigam as complexas relações entre sexualidade, mercado sexual, desejo, espacialidade urbana e desterritorialização do corpo. Sua contribuição se torna particularmente instigante quando aponta para a análise do tema não como “um estudo sobre ‘uma comunidade’, nem sequer sobre um ‘grupo’, mas como uma abordagem de certa prática e das populações nela envolvidas” (PERLONGHER, 2008, p. 39).

Neste contexto, a análise da experiência homossexual se conjuga não como uma extensão do paradigma do gueto, que marcou a militância do século XX (MARQUES, 2011a), mas como uma abordagem que analisa relações que codificam diferenças. Poderíamos citar também o trabalho de Carmem Dora Guimarães (2004 [1977]) como precursor de uma perspectiva que lança desconfiâncias sobre as identidades, levantando outro conjunto de relações para pensar uma economia dos prazeres homossexuais. Na época de sua pesquisa, Guimarães (2004) queixava-se da escassa produção de trabalhos sociológicos e antropológicos acerca da temática do “homossexualismo”. Muito mudou neste campo promissor.

Discutindo alguns aspectos do trabalho de Michel Pollak acerca da construção da identidade social, Marques (2011a, p. 204) argumenta que o autor interessou-se pelo “modelo de vida homossexual [...] pela distância existente entre as práticas sexuais e a procriação ou as obrigações da vida conjugal”, caracterizando-o como aquela potente “oficina da liberdade sexual, própria da sociedade contemporânea”. As análises de Marques (2011a) assumem criticamente o problema da inscrição da identidade homossexual como ficção reguladora e propõem uma série de questionamentos para refletir a identidade como condensação de diferenças. Sua abordagem parece particularmente



instigante para analisar o caldeamento de informações que habita cidades de pequeno e médio porte:

No entanto, qual é o limite entre a vivência da diferença e a diluição dos sujeitos sociais? Que diferença seria possível em sociedades ainda amparadas por relações face a face, em que o anonimato não se faz aliado da revelação dos afetos? Se a vida urbana se delineia como principal palco das experiências homoeróticas [no pensamento social de então], qual a diferença possível em cidades de pequeno e médio porte? (MARQUES, 2011a, p. 207)

O autor procurou desenvolver tais questões a partir de uma interpretação da emergência do homoerostismo no Cariri cearense, procurando romper com as tramas da identidade moduladas pela face que o debate sobre homossexualidade assumira a partir das vivências de grupos identitários em grandes cidades e metrópoles, *locus* indiscutível das pesquisas sobre sexualidade e ciências sociais entre os anos 1970 e 1990. Enfatiza, portanto, dimensões de escalas e trânsito entre espaços a fim de deslocar reflexões usualmente enfretadas sob o prisma da noção de identidade.

Neste artigo, gostaria de apresentar cenas etnográficas do trabalho que venho desenvolvendo em uma localidade no interior do Ceará. A partir dessas cenas, poderemos avançar nas reflexões sobre diferenças, interseccionalidades, sociabilidades e espacialidades em cidades de pequeno porte.

O artigo é um recorte de minha<sup>1</sup> pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE). A pesquisa ocorreu em Canaan, distrito situado no Município de Trairi, a cerca de 140 km de Fortaleza. Canaan possui 12.080 habitantes de acordo com informações disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

O desenho urbano de Canaan remonta a imagens de pequenos povoados, tendo como ponto central uma igreja e uma praça. De fato, existe apenas uma praça em todo o espaço distrital, que reúne os fiéis da igreja católica e outros grupos ao longo de seus bancos. O distrito é constituído predominantemente por ruas não asfaltadas, com exceção da rua principal que circunda a igreja. Isso não impede a proliferação de

---

<sup>1</sup> Pela relevância do material etnográfico apresentado ao longo do artigo, decidiu-se pelo relato em primeira pessoa, já que as incursões em campo foram realizadas apenas pelo primeiro autor.



espaços de sociabilidades juvenis, sobretudo em ambientes distantes do centro comercial e religioso.

Embora não existam informações oficiais publicadas sobre postos de trabalho, rendimentos e ocupação profissional em Canaan, sua economia é baseada na produção agrícola, no serviço do pequeno comércio local e na renda de aposentados e funcionários públicos.

Cabe destacar que as cenas aqui textualizadas fazem parte do meu esforço para compor uma “alegoria” (CLIFFORD, 2014) das sociabilidades não heterossexuais nos paredões de som de Canaan e remetem àquilo que Osmundo Pinho (2019) nomeou por “paredão-dispositivo”.

Pinho (2019) etnografou a cena do pagodão baiano na periférica Cachoeira (BA) a partir das ambiências produzidas pelo “som automotivo” ou “paredões”. Ao analisar a estética dos paredões baianos, o autor argumenta que naquelas espacialidades não há a perpetuação da moralidade e valores burgueses

pelo contrário, há o ambiente de devassidão e hipersexualização, a evolução coreográfica de sujeitos inassimiláveis e “abjetos”, como travestis, inconformistas de gênero, e outrxs dissidentes sexuais” (PINHO, 2019, p. 227).

Segue descrevendo o ajuntamento de rapazes da periferia nesse cenário ao lado de “garotas perigosas”, ambos com posturas que atentam contra os bons costumes e moralidade. O pagodão baiano é descrito como território da “baixaria”, como “dispositivo” que produz ambiência, desidentificações, experiências, mobilidades e relações de poder.

Ensaio aqui uma aproximação entre as características descritas por Pinho (2019) e os paredões de *funk* em Canaan, aproximando espacialidade distintas por remeterem, mais ou menos, a personagens semelhantes, subjetivados em sua relação com territorialidades tomadas como marginais. Dessa forma, em Canaan, estruturas de som atreladas aos automóveis formam os “paredões de *funk*”. Ali, mobilidade e deslocamento potencializam a produção de ambiências à margem das áreas mais reguladas pelos olhares e práticas da comunidade, localizadas nas proximidades da “Igreja” e da “Praça”. Por isso mesmo, esses paredões tornam-se espaço precioso para observação de novos enredos e performances de gênero, raça e classe.



## Aproximações com os paredões de som em Canaan

Tomei conhecimento das festas com paredões de som em Canaan pelas conversas com Sergio e André<sup>2</sup>.

Sérgio é um jovem de 23 anos, 1,70 cm, cabelos crespos, pardo, que descreve a si mesmo como “afeminado”. Sérgio possui o cabelo cortado bem rente ao couro cabeludo, mas constantemente desamarra e amarra um cabelo imaginário que desceria de sua cabeça até os pés. Ele possui licenciatura em Educação Física pelo Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú – IVA e Curso Técnico em Danças Cênicas Contemporâneas, ofertado em Itapipoca pelo Galpão da Cena, em parceria com a Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade Federal do Ceará – UFC. Atua como bailarino na Companhia Arreios de Trairi, tendo se apresentado em diversas cidades de pequeno, médio e grande porte do Ceará, como: Trairi, Itapipoca, Sobral e Fortaleza. Suas duas formações foram cursadas em meio a deslocamentos pendulares entre Canana e Itapipoca<sup>3</sup>. Cursou a licenciatura na rede particular de ensino e o curso técnico em instituição pública.

Muito desinibido e descontraído, Sérgio trabalha em uma escola em Canaan. No tempo livre, gosta muito de sair à noite para se divertir, descobrindo espaços no distrito onde proliferam oportunidades de animação, pegação e consumo. Sérgio nunca falou sobre sua sexualidade com seus familiares. Nunca quis protagonizar aquele momento de “sair do armário”, afirmando que este assunto não entra na pauta familiar assim como nenhum de seus irmãos teve que fazer um momento para se declarar heterossexual. Sérgio nunca vivenciou uma experiência migratória mais longa e diz sentir-se feliz morando em Canaan.

André, por sua vez, é um jovem negro de 22 anos, 1,63 cm, “pobre”<sup>4</sup>, sobrevivendo do aposento dos avós e dos bicos que faz como

---

<sup>2</sup> Não recorremos ao uso de nomes fictícios para os interlocutores da pesquisa ou para a localidade aqui descrita. Os colaboradores concordaram com o uso de seus nomes e estimularam a realização da pesquisa a partir de suas vivências pessoais.

<sup>3</sup> Itapipoca é uma cidade de pequeno porte do interior do Ceará, onde se localiza um *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Conhecida como a cidade dos Três Climas, Itapipoca possui como características paisagens de praia, sertão e serra. Localiza-se a cerca de 134 km de Fortaleza e possui uma população estimada em 53.330 habitantes.

<sup>4</sup> De acordo com site do IBGE, 57, 4% dos moradores de Trairi possuem renda mensal de meio salário mínimo. A situação financeira de André chama atenção porque ele foi o único do grupo de interlocutores que não conseguiu ingressar no Ensino Superior por limitações financeiras, não podendo arcar com os



diarista ou vendedor de cosméticos. Nomeava-se “a travesti” entre os demais jovens com quem estabeleci interlocução para realizar a presente pesquisa, por se considerar aquele que mais colocava em xeque a relação entre corpo e masculinidade. Além de realizar trabalhos ocasionais, André é bailarino. Ao contrário de Sérgio, não conseguiu concluir o curso Técnico em Danças ofertado em Itapipoca por não ter dinheiro nem apoio familiar para pagar as passagens. Teve também que desistir de um curso Técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE por falta de recursos para se manter no curso.

André já fez diversas migrações para outras cidades de pequeno porte e até para Fortaleza a fim de conseguir empregos. No entanto, essas possibilidades nunca prosperaram e ele retornou para Canaan. Seu espaço familiar é marcado pelo preconceito homofóbico, de modo que desde criança André sofre violência contínua por parte de seu avô, que chega a restringir a comida que ele consome. Desde cedo, os familiares reconheceram André como uma pessoa não heterossexual, por causa de seus gestos ordinariamente associados a gestos femininos. Sobre isso, André afirma que não teve um momento único de revelação, uma vez que sua mãe desde que era criança afirmava que ele era “viado”.

André é muito conhecido em Canaan, de modo que as pessoas na rua sempre o cumprimentam quando passa. Suas relações se estendem a diferentes personagens do local, particularmente àqueles conhecidos como “marginais”, sujeitos aludidos a partir de suas eventuais aproximações com o uso ou comércio de entorpecentes e por se envolverem em práticas consideradas ilícitas, tais como tráfico de drogas e furtos.

A proximidade de André com os “marginais” possibilita arranjos sexuais dos quais se gaba com frequência. Não perde oportunidade de relatar pormenorizadamente suas aventuras de sexo a três com “marginais” de sua rua ou de outras comunidades; práticas envolvendo arranjos múltiplos com mulheres e homens; encontros eróticos ocorridos em sua própria casa, nas casas dos “boys”, becos próximos à praça de Canaan, casas de moagem [de cana-de-açúcar], debaixo de árvores, na rua detrás do cemitério, estradas pouco movimentadas ou nos paredões de *funk*. A riqueza de detalhes e a regularidade dos relatos parecem

---

custos de deslocamento, aquisição de material didático ou possíveis mensalidades. O estilo com que André se veste é outro ponto que pode ajudar a evidenciar sua condição financeira precária. Suas roupas geralmente são doadas ou customizadas quando envelhecem ou rasgam. Ele não nega que possui poucas roupas e quase todas em estilo “feminino”, muitas vezes doadas por amigas.



evidenciar que os arranjos criativos operados a fim de estabelecer as práticas eróticas que narra a terceiros deflagram em André processos de subjetivação que lhe permitem “ser quem realmente é” (FRANÇA, 2012) ou intenta ser. Portanto, ainda que muito distantes de cenários onde a diversidade de opções de consumo e abundância de circulação financeira possibilitam processos de subjetivação através do encontro entre pares, de modo a instituir valores; moralidades e significados, acompanharei aqui arranjos criativos capazes de operar novas práticas e mundos, fabulando lugares para os sujeitos que ali circulam (FRANÇA, 2012; MARQUES, 2011b).

Em alguns encontros ocasionais na praça, Sérgio e André me narraram experiências que tinham nos paredões de som, reconstruindo os espaços de circulação e diversão em um distrito com poucas possibilidades de socialização para jovens. A impressão que os meninos demonstravam sobre Canaan era marcada pela dificuldade de se transitar em espaços mais abertos que possibilitassem encontros erótico-afetivos não heterossexuais. Por este motivo demonstravam animação para frequentar aquelas festas.

Os paredões poderiam muito bem funcionar como um espaço de múltiplos arranjos para sociabilidades inesperadas (OLIVEIRA, 2009). Era nisso que Sérgio insistia ao afirmar que o espaço era propício a todos nós do “Vale<sup>5</sup>”. Conversávamos muito sobre o que ele e André faziam naqueles ambientes. Minha curiosidade era particularmente aguçada pelo teor sexual de tais aventuras.

Sérgio insistia que eu deveria frequentar os eventos de paredão, que iria me surpreender com as coisas que aconteciam naqueles espaços. Nunca tinha ido para festas em Canaan e me impressionei com a rede intrincada de estradas de terra em direções às comunidades rurais onde os paredões de som funcionam como “dispositivo”(PINHO, 2019) que reterritorializa sociabilidades. Pinho (2019) utiliza o termo “dispositivo” recorrendo às conceituações de Michel Foucault, sintetizadas pelo trabalho de Agambem (2005).

---

<sup>5</sup> O termo Vale é usado constantemente para definir esse grupo de sociabilidade de jovens homossexuais em Canaan, do qual faço parte. Certamente, esse termo chegou até nós pelas redes sociais, sendo adotado posteriormente como nome do nosso grupo. Temos consciência que existem diversos outros grupos gays no mundo que chamam a si mesmos de Vale, pois este modo de se definir faz parte de um subcultura que nos precede. Isso evidencia como nossas produções não são feitas de modo isolado, mas na relação com o intenso fluxo de informações que chega até nós dos mais diversos modos, onde quer que estejamos.



A noção de "mercado", empregada por Oliveira (2009) na compreensão das experiências de trocas de prazer entre frequentadores de camadas populares em uma boate no subúrbio carioca, constitui uma categoria útil para a análise das trocas de prazer nos paredões de Canaan. A possibilidade de estabelecer contato erótico com sujeitos classificados como "homens" emerge do campo como motivação citada pelos interlocutores deste artigo, tal como no estudo de Oliveira (2009).

Não obstante as distâncias geográficas e a mudança no repertório de atividades, seria possível falar em semelhanças entre as experiências no subúrbio carioca (OLIVEIRA, 2009), os paredões de pagode em Cachoeira- BA (PINHO, 2019) e as espacialidades rurais de Canaan?

## **Corpos que dançam: paredões de som, hierarquias e deslocamentos**

Ao chegar a uma festa de paredão de som em fevereiro de 2020, Sérgio me disse animado: “A homofobia não existe aqui. Nessa região tenho sorte, sempre alguém me quer aqui!” Sérgio estava de bermuda, camiseta e chinelo. Esse tinha sido o figurino recomendado quando lhe perguntei como me vestir para a ocasião. Destacou que as pessoas que frequentam aqueles espaços geralmente se vestem daquele jeito. Fomos acompanhados de Rosana e Bia, amigas de Sérgio desde que ele era criança, e por Jefferson, um jovem de Itapipoca com quem namoro.

Sérgio tinha me falado que em festas de paredões de som era possível viver experiências diferentes daquelas que geralmente marcam o senso comum sobre cidades de pequeno porte. Em sua visão, aquela experiência com os paredões de som mostrava que em espacialidades fora dos grandes centros urbanos os jovens inventam oportunidades de se socializar e se divertir.

Os paredões de som se impõem como possibilidade nas dinâmicas noturnas próprias dos finais de semana em cidades de pequeno porte próximas a Canaan e outros distritos de zona rural vizinhos. Frequentemente, a noite termina quando o paredão encerra sua transmissão de som. Ainda assim, quando Sérgio não quer encerrar sua madrugada, espera na saída do paredão a oportunidade de sair com um “homem” para uma estrada pouco movimentada ou uma zona de matagal onde possa “transar”.





A visão de Sérgio corrobora as proposições de Marques (2015) acerca das festas de forró eletrônico no Cariri. Para o autor,

as festas aparecem (...) como uma possibilidade de gestão de si em múltiplos ambientes, produzindo não identidade, mas circulação a partir de múltiplos personagens. Para ser mais preciso: não somente a gestão de si em múltiplos ambientes como também a gestão de múltiplos ambientes /analogias pela gestão de si. (MARQUES, 2015. p.143).

As motocicletas são o principal meio de locomoção até os paredões, sobretudo quando estes acontecem em comunidades rurais distantes do “centro”. Homens ingressam nessas festas mediante pagamento, enquanto mulheres entram de graça. As festas são organizadas por jovens do distrito que alugam os espaços e contratam o paredão de som de uma empresa de eventos em Trairi. São animações amplamente divulgadas por cartazes virtuais nas redes sociais.

**Figura 1: Flyer de divulgação da festa de paredão de som publicada no Instagram**



*Fonte: Instagram. Acesso: 17/06/2020.*

Em Canaan, cinco espaços distintos costumam ser alugados para festas com bandas de forró, mas também para os eventos de paredão aqui descritos. Fui a três desses espaços, todos eles se situam distante do centro do distrito. Guardam ainda como característica comum certa semelhança em sua estrutura física, com muros altos, espaços arborizados por cajueiros; coqueiros e mangueiras, em meio aos quais as pessoas se reúnem embalados por um paredão de som automotivo. A pista de dança



– quando existe – não é mais que uma extensão de cimento grosso, pois a maior parte do espaço ao redor é de terra batida.

Os deslocamentos que os jovens realizam para se fazerem presentes nos paredões revelam diferenças sociais significativas, perceptíveis pelo acesso que têm ou não a meios de transporte. Muitos dos jovens que circulam ali não possuem condições de pagar para entrar ou ir de moto, ainda que isto seja essencial quando se procura acessar esses espaços de sociabilidade. Enquanto me deslocava com Sérgio e Jefferson em direção à festa, notamos jovens andarem por três quilômetros para chegar ao paredão. Em ocasiões semelhantes, pude avistar novamente rapazes se deslocando a pé. Isso me fez pensar que aqueles jovens, caracteristicamente negros e pobres, não possuem outra forma de chegar àquilo que reconhecem como fonte de animação. Eles precisam negociar sua entrada nos paredões através de diversas estratégias, seja a partir do porte de entorpecentes ou da participação no “mercado erótico” (OLIVEIRA, 2009) que ali se desenvolve.

Segui com Sérgio e Jefferson em uma moto depois das 22h. Primeiro pelo calçamento e em seguida pela faixa de asfalto até alcançar um “clube de festa” debaixo de alguns cajueiros do Panan, comunidade rural situada a cerca de 3 km do centro de Canaan. Desde o final de 2019, os paredões passaram a ser mais frequentes em comunidades recuadas do centro do distrito, o que os tornava ainda mais interessantes para Sérgio. Eram uma novidade! Naquelas espacialidades, ele afirmava poder encontrar com mais facilidade jovens de comunidades remotas que não circulam habitualmente na praça de Canaan.

Nesse contexto, percebo a necessidade de problematizar a afirmação inicial de Sérgio a respeito da homofobia estar ausente nos espaços onde os paredões acontecem. Essa visão emerge em função da liberdade de performatizar seu gênero (BUTLER, 2003; SALIH, 2013) sem sofrer aparentemente os efeitos da vigilância normalizadora de uma patrulha de gênero ou mesmo de poder desejar e ser desejado, como não heterossexual, por alguém que se apresenta como heterossexual, dependendo das trocas eróticas negociadas ou do “esquema”, como se costuma chamar tais negociações.

Essa última observação remete à análise feita por Oliveira (2009) a respeito das trocas eróticas em uma boate no subúrbio carioca. Para Oliveira, o marcador de gênero faz-se central no agenciamento das trocas de prazer ali presentes. Assim, a oposição masculino/feminino é o



elemento definidor nas situações de interação. O autor aponta que na hierarquia de gênero que marca as relações de sociabilidades na boate e espaços próximos, os sujeitos identificados como “homens” ou “homens de verdade” procuravam se relacionar preferencialmente com as travestis e gays com posturas consideradas mais femininas para manter seu privilégio masculino.

Nos paredões de Canaan, é possível observar que jovens que se identificam como heterossexuais se relacionarem com homens afeminados, usando essa relação como estratégia para dispor de bebida, entorpecentes ou ter sua entrada na festa franqueada (MARQUES, 2014). Uma interação em que participei pode ilustrar esses arranjos eróticos situados a partir do gênero.

Em um paredão que fui em março de 2020, encontrei-me com Felipe próximo ao banheiro masculino que fica perto da entrada do clube. Felipe é um jovem negro que se identifica como homossexual. Suas relações sexuais habitualmente acontecem com homens heterossexuais, quase sempre identificados como “marginais”. Na descrição de Sérgio, o “marginal” é um rapaz que usa short de veludo, blusa de marca e possui tatuagem(ns) em alguma parte do corpo. Soma-se a essas características o consumo de entorpecentes ou o envolvimento em práticas ilícitas.

Nos paredões, Felipe é bastante requisitado pelos “marginais” principalmente pelo posse de substâncias recreativas que oportunamente distribui entre seus “ficantes”. Os “marginais” o encoxam enquanto dança, fazem-no dizer em voz alta que quer chupar suas “rolas”, chamam-no para sair do recinto a fim de manter relações sexuais rápidas e furtivas. Cheguei ao banheiro bem a tempo de ver Felipe ser encostado num coqueiro por um “marginal”. Ele já estava bastante alterado pela bebida. O jovem convidava Felipe para “dar uma” lá fora. Mas Felipe estava interessado em outra coisa: chamou-me para que eu ouvisse o que perguntaria ao rapaz. Quando cheguei perto, o rapaz ficou inibido, mas Felipe perguntou: “Você tem o pau grande? Pra ficar comigo tem que ter a ‘rola’ grande e grossa. E não pode estar armado. Entra lá no banheiro que eu quero ver”.

Ele também me convidou para ir ao banheiro. Ao chegar lá, disse que iria inspecionar os paus dos homens para ver quem lhe “comeria”. Naturalmente se dirigiu a um rapaz que estava urinando e tocou sua “rola” dizendo que era grande. Fez o mesmo com outros 3 rapazes. Nenhum dos homens que estavam no banheiro impediu a ação de Felipe ou manifestou qualquer animosidade diante de suas ações. Felipe parecia ocupar um



lugar social que o permitia aferir o tamanho dos paus em banheiros de paredões. Depois saímos do banheiro e ele decidiu sair momentaneamente com o rapaz que havia lhe encostado no coqueiro.

De acordo com Felipe e André, situações assim são comuns aos paredões. Todavia, as situações estratégicas para estes deslocamentos são criadas mediante complexas relações que envolvem a circulação de entorpecentes. O mercado de trocas estabelecido no cenário dos paredões parece banalizar o fato de homens heterossexuais, não envolvidos imediatamente nas trocas eróticas em curso ali, terem suas “rolas” aferidas por um homossexual com intenções eróticas explícitas no banheiro.

Fluxos de desejos não heterossexuais podem emergir naquele espaço e se intensificarem logo ali fora, detrás de uma grande caixa d’água ou à sombra dos cajueiros. Essas inventividades criam a noção para Sérgio de que “a homofobia não pertence àquele espaço”, não define os fluxos desejantes e as práticas sexuais que podem acontecer em um único paredão. Isso já tinha sido afirmado quando chegamos à festa de som e nos posicionamos na entrada do clube.

O certo é que no jogo de diferenças acionado nesses encontros sexuais, o gênero, articulado com a classe social e idade/geração, aparece como elemento significativo no estabelecimento de trocas eróticas. Contudo variantes que exacerbam ou atenuam traços masculinos ou femininos ou os combinam com matizes diferenciados, corporificados por pessoas que se pensam como homens, mulheres, travestis, “crossdressers”, remetem a noções nas quais o gênero não deriva do “sexo” nem aparece em formas binárias e tampouco se deixa vincular linearmente com noções como hetero ou homossexualidade, passividade ou atividade (PISCITELLI, 2009, p.15).

Cabe perceber que a observação da autora aponta para uma compreensão interseccional da produção das diferenças, sem esquecer que é neste contexto que ocorre uma infinita recriação do preconceito e inferiorização. Deste modo, devemos ponderar que “a ruptura com convenções culturalmente disseminadas de aceitabilidade e ‘normalidade’ fosse parte de um processo indissociável da produção de categorias modelares e de novas normatizações” (PISCITELLI, 2009, p.16).

Todavia, aqueles que frequentam os paredões de som de Canaan podem ser facilmente identificados como pessoas de cor negra, que possuem baixa renda, sendo marginalizadas nas relações sociais cotidianas da comunidade. As pessoas brancas nessas festas estão em menor número – tive a impressão que eu era uma das únicas pessoas



qualificadas como branca presente no clube, além do organizador da festa e de algumas pessoas de outras cidades – o que nos dá a impressão de que a maioria dos rapazes que se torna objeto de desejo de Sérgio são homens negros, com performatividade de gênero próximas ao ideal heteronormativo, que podem ser automaticamente nomeados por ele como “cafuçus” e “marginais”.

Outra característica dos rapazes que Sérgio deseja nos paredões corresponde ao fato de que eles se vestem geralmente como “pirangueiros”, pessoas apontadas como usuários ou traficantes de drogas, aviõezinhos, furtadores, assaltantes, vagabundos. Por vezes, esses ideais de masculinidade ganham força com a proximidade das ideias de perigo, violência e natividade. O que, possivelmente, constitua a posição de Sérgio como agente na fruição das interações erótico-afetivas como “tensor libidinal” (PERLONGHER, 2008). Na relação com esse homens negros, viris, Sérgio impõe-se como articulador da cena, subvertendo uma posição de subserviência vivida no cotidiano.

Em situações ordinárias do cotidiano local não é incomum que esses jovens sejam evitados quando encontrados em via pública ou que as pessoas demonstrem medo quando eles se aproximam. Porém, não é isso que acontece nos paredões. Lá, eles passam a ser objeto de desejo. Outro olhar é lançado pelas “bichas” e mulheres sobre seus corpos. Pinho (2019) procura descrever a performatividade de gênero e de raça nos paredões de pagode na orla quente e úmida da cidade de Cachoeira, no recôncavo baiano. O autor anota que o

(...)pagode, endendido como a performance coletiva de um dissidência coletiva, observamos, com em outros contextos, o alucinante cortejo de sujeitos obscuros que se movem em meio a cenários deteriorados: a “puta”, o “ladrão”, o “viado” (PINHO, 2019, p. 228).

Nesse contexto, emerge uma cena “hipersexual e violenta”, “cena de rebelião”, de “baixaria”. Os atores que se divertem no pagodão baiano são jovens pobres e periféricos, quase todos negros (PINHO, 2019).

Em Canaan, “marginais” abundam nos paredões. Ali, normas sociais que inibem o uso de substâncias recreativas são relaxadas e isso permite o acesso a entorpecentes por meio de trocas eróticas ou de outras relações econômicas. Os seguranças contratados que porventura circulam pelo espaço só interferem em caso de briga. Não se comportam como agentes repressores ao consumo de drogas.



No paredão ocorrido no “clube do Panan”, as pessoas se dividem pelo espaço em pequenos grupos. Alguns jovens se reúnem à frente do paredão, geralmente consumindo maconha e dançando. Outros se posicionam mais atrás, sobre o chão de cimento grosso, ostentando bebidas e maços de cigarro sobre as mesas. Alguns casais não heterossexuais, gays e lésbicas, transitam entre círculos de amigos. No banheiro atrás da pista de dança, jovens compram ou compartilham entorpecentes.

**Figura 2: Paredão de som no Panan**



*Fonte: Autoria própria, 2019.*

Certamente alguns homens não toleram sentir que são objeto de desejo de pessoas não heterossexuais e não permitem ser tocados na pista de cimento sobre a qual se dança. Há também ali mulheres que jamais aceitam participar de outros arranjos sexuais que não aqueles heterossexuais, como Rosana que a todo custo recusou – como Sérgio me contou – a sair com ele e outro rapaz, que havia estabelecido a participação de uma mulher como condição para ficar com ele. Daquela vez, Sérgio “perdeu a sacanagem” porque Rosana se recusou a participar dos arranjos por ele articulados

Embora os paredões abram espaço para fluxos de desejos que recusam a normatividade heterossexual, as possibilidades para um encontro não heterossexual podem depender de arranjos que implicam a participação de uma mulher, seja por interesse pessoal desta; seja pela possibilidade de articulação instrumental de tensores libidinais, usualmente marcados pelas diferenças de gênero.



Em certo paredão, eu e Sérgio tivemos de convencer Rosana a ficar com um amigo de um rapaz negro, usuário de drogas, com quem Sérgio queria sair. Ela se recusou a ficar com Sérgio e o “marginal” ao mesmo tempo, afirmando que “não faz essas coisas de jeito nenhum”. Então o rapaz colocou como condição que Sérgio arrumasse uma mulher para seu amigo não ficar sozinho e desconfiar que eles sairiam juntos. Desta forma, Rosana concordou em ficar com o amigo do rapaz, enquanto Sérgio saía com ele da festa. O “esquema” de Sérgio dependeu portanto da participação de Rosana.

Rosana, assim como outras mulheres ali, podem vir a funcionar como catalisadoras de relações ou arranjos eróticos. Esse debate retoma a discussão de Perlongher (1987) em texto clássico em que discute se o *michê* é homossexual. Os “marginais” agenciam a presença de mulheres para qualificar/definir a relação e a si mesmos como “heterossexuais”. Neste cenário, dispor de corpos femininos confere agência a pessoas LGBT. Assim, como possuir drogas, pagar bebida, funcionam como tensores libidinais (PERLOGHER, 2008; MARQUES, 2015). A própria diferença entre gêneros vira tensor libidinal, podendo ser deslocada para outra experiência desejante. Neste contexto, o corpo feminino territorializa superfícies onde afetos não heterossexuais podem cruzar com a heterossexualidade, mostrando assim que as relações ensaiadas podem em algum momento recuperar as hierarquias.

Há uma certa ideia de liberdade nestes espaços, possivelmente acionada pela circulação das músicas e *cena funk*, pelo uso de drogas, pelo convívio social com pessoas marginalizadas. Certas representações de localidade de pequeno porte como espaço da continuidade e vigília são rompidas momentaneamente ali. Esse rompimento é sinalizado ruidosamente por gestos, cenas e sons. Ostenta-se a posse de maconha, do pó, usando-os como forma de estabelecer relações.

É claro que o modo como alguns homens e mulheres adquirem entorpecentes considerados ilegais ainda é mascarado, pois quando alguém deseja adquirir pó ou maconha se desloca até o banheiro precário e ali consegue o produto do traficante, do aviãozinho ou do não heterossexual através das trocas eróticas. Resolvi acompanhar um grupo de rapazes que entrava no banheiro que ficava próximo a entrada do clube, ao lado dos coqueiros. Ao chegar lá, notei que eles entregavam ansiosamente os pacotinhos uns para os outros que saíam em seguida, temerosos que alguém que não participa do grupo lhes flagrasse. O



banheiro masculino consiste em um espaço apertado construído próximo à entrada do clube. Não possui sanitário, apenas estruturas de tijolo dispostas no chão próximo às paredes, de modo a impedir que a urina se espalhe por todo o ambiente. Nelas, os homens urinam.

Drogas também funcionam como agente catalisador, potencializam a experiência dos paredões, maximizando suas intensidades. Poderia dizer que a dança também age assim sobre os corpos. Ela contribui muito para aproximar grupos que estão separados no início da festa. Outrora apartados, corpos se reúnem para trocar o cigarro de maconha, rapidamente, como que inspirados pela batida do *funk*. Com desenvoltura semelhante, compartilham cigarros; bebidas ou um passinho.

O *funk* abriu espaços significativos para esse público “marginal”. Ao chegar em Canaan, o ritmo estimulou a emergência de espacialidades nas quais ocorrem deriva da “Praça pública”, descrita acima como centro religioso do distrito. Nos paredões, o álcool, arranjos erótico-sexuais e substâncias recreativas estão em associação, abrindo espaço para novas agências. Mais que identidades, nos paredões se estruturam agências, experiências e fluxos de desejos não normativos.

Os corpos se abrem uns para os outros. Corpos negros, pessoas não heterossexuais, portadores de necessidades especiais, lésbicas, travestis, homens e mulheres heterossexuais circulam e abrem seus corpos para experiências menos identitárias. Esses corpos fazem alguma coisa juntos, criam espacialidades onde se constituem paisagens corporais distintas, onde se reterritorializam as noções de urbano e rural mediados pelos paredões de som.

## Considerações finais

Como pudemos perceber acima, os paredões em Canaan reterritorializam as sociabilidades na zona rural ou cidades de pequeno porte. O “marginal” que Sérgio descreve no paredão pode ser semelhante aquele que se chama de “piranguero” nas periferias das grandes cidades, como Fortaleza. A música que toca ali— o *funk* — se reterritorializa no meio rural, inscrevendo modos de sociabilidades, modos de vida e aberturas para práticas eróticas onde o corpo é desterritorializado, lembrando um pouco o que Pinho encontra na “baixaria” do pagodão baiano.





É preciso acrescentar que a desterritorialização da heterossexualidade como parte de uma política na qual emergem as “multidões *queer*” afeta os espaços urbanos assim como o espaço corporal, deslocando o corpo das regras de normalização (PRECIADO, 2011). É preciso acrescentar que essa política também envolve a desterritorialização de espaços não urbanos, rurais ou de pequeno porte.

As relações que ocorrem nos paredões certamente se comunicam com outras experiências presentes em grandes centros urbanos. Em Canaan, os corpos se deslocam; se aglomeram; se afastam; se conectam, recusando uma moralidade conservadora. Para isso, atravessam um percurso de terra batida, de cimento grosso, preenchido por cajueiros atrás do paredão de som. Nesse entrelugares, pessoas estão inventando espaços para socialização, estão afirmando que nestes espaços é possível suspender determinadas normas sociais relacionadas ao consumo de drogas e arranjos sexuais não hegemônicos, ainda que de modo descontínuo.

Não creio que os paredões se constituem em alternativas de sociabilidades pensadas isoladamente por essa juventude em busca de diversão e intensificação do prazer em suas vidas. Esse tipo de conduta não é uma característica apenas de Canaan ou Itapipoca, mas é sintomática do modo como jovens atualmente se relacionam com paredões de som e suas possibilidades em diferentes espacialidades.

Depois de vivenciar uma noite de paredão, Sérgio e Rosana se alegram afirmando que puderam experimentar o “gera”. Curioso, perguntei o que seria o “gera” para eles. Rosana me responde que o “gera” é aquilo que acontece num paredão que faz ele ser bom, ou seja, os “marginais”, as bebidas, as drogas, a dança e a possibilidade de arranjos erótico-sexuais, os “homens”. Caso isso não ocorra enquanto rola o paredão no clube, ainda é possível que aconteça na saída da festa, as 03:00h. da manhã. Como Sérgio me contou ao final de um paredão: “tudo pode acontecer no final da festa. É por isso que temos de aguardar até todo mundo sair, ficar lá fora, esperando para ver se rola o ‘gera’”.

A partir dos paredões em Canaan, podemos afirmar que o “gera” está amparado em um equilíbrio sempre precário entre significados em fuga. Um fluxo desejante que depende de incorporações e materializações de gênero, de espaços e hierarquias. Assim, para que as condutas não heterossexuais ganhem sentido de fruição faz-se necessário subverter as relações entre masculino e feminino ali, em ato. Para que se enfrente as



estradas de terra batida em direção ao Paredão, faz-se necessário acreditar que se está distanciando da Praça Matriz, mobilizando corpos e sentidos espaciais para produzir novos sentidos sobre si e sobre mundos que se desejam habitados.

## Referências

AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, Ilha de Santa Catarina, n. 5, p. 9-16, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

FACCHINI, Regina.; FRANCA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-140, jun. 2014.

FRANÇA, Isadora lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Populacional 2010. 29 de novembro de 2010. Consultado em 23 de maio de 2020.

GUIMARAES, Carmem Dora. *O homosexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

MARQUES, Roberto. *Cariri eletrônico: paisagens sonoras no Nordeste*. São Paulo: Intermeios, 2015.

\_\_\_\_\_. Quem "se garante" no forró eletrônico? - produzindo diferenças em contextos de fronteira e ebulição social. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 43, p. 347-383, dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Homoerotismo no Cariri cearense: inscrição de um objeto em suas relações com o silêncio. *MÉTIS: história e cultura*. Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 197-217, jul./dez. 2011a.



\_\_\_\_\_. Comunidade sem portas: imaginando o Cariri a partir de um bar de fim de noite. Campos, Curitiba, v.12, n. 2, p. 45-68, jul./dez.2011b.

OLIVEIRA, Leandro. Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade e uma boate na periferia do Rio de Janeiro. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. 1. ed. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2009. cap. 3, p. 119-141.

PERLONGHER, Nestor. O michê é homossexual? Ou: A política da identidade. In: TRONCA, Ítalo (Org.). *Foucault vivo*. Campinas, Pontes, 1987. cap. 5, p. 67- 80.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINHO, Osmundo. Práxis estética no pagodão periférico. In: LOPES, Adriana Carvalho; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel Nascimento (Orgs.). *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro/Florianópolis, Mórula/Insular, 2019. cap. 2, p 223-249.

PISCITELLI, Adriana Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas. In: MILSKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). *Discursos fora da ordem*. Sexualidades, saberes e direitos. São Paulo, FAPESP/Annablume, 2012. Cap. 9, p. 199-227.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2009.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

## Making out on dirt tracks: "paredões de som", consumption and sociability in small localities

**ABSTRACT:** From research carried out in a small town in the interior of Ceará, we thought about notions of difference, intersectionality, sociability and spatiality experienced there. The ethnographic scenes presented focus on environments such as those created by funk music that reverberates from speakers attached to cars on weekends. In these scenarios, non-heterosexual erotic arrangements, circulations of marginalized bodies and the audition of rhythms linked to urban environments displace understandings of identification, belonging and freedom. Music, recreational drugs and creative erotic arrangements seem to guide young people present there to imagine new places for themselves, far from the usual imagery about community, locality and rural world.

**KEYWORDS:** "Paredões de som". (Homo)sociability. Interseccionalidade. Small towns.

**Marcos Andrade Alves dos SANTOS**

*Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da  
Universidade Estadual do Ceará- PPGS/UECE.*

**Roberto MARQUES**

*Docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade  
Estadual do Ceará- PPGS/UECE e do Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Regional do Cariri- URCA. Doutor em Antropologia Cultural pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

*Recebido em: 14/09/2020*

*Aprovado em: 28/01/2021*